

**Da figura histórica à voz anónima.
Aproximação aos *exempla* femininos no discurso moralístico
sobre o casamento (sécs. XVI-XVII)***

Pedro Serra
Universidade de Salamanca

Os textos de pedagogia matrimonial dos séculos XVI e XVII que, noutra oportunidade (1997), confrontei com a *Carta de Guia de Casados* (1651), recorrem todos eles a *exempla* para construir os respectivos modelos morais femininos. Proponho, nesta ocasião, averiguar qual a persistência e a curva evolutiva desses paradigmas femininos no mesmo *corpus*, que inclui, para além da obra de D. Francisco Manuel de Melo, os seguintes tratados representativos do género no espaço cultural peninsular no referido período:¹ a *Instrucción de la mujer cristiana* (1528) de Lluís Vives -cujo texto original, em latim, data de 1524-, o *Espelho de Casados* (1540) do dr. João de Barros (Abrev.: *IMC*), os *Coloquios matrimoniales* (1550) de Pedro de Luján (Abrev.: *CM*), *La perfecta casada* (1583) de Fr. Luis de León (Abrev.: *PC*) e o *Casamento Perfeito* (1630) de Diogo Paiva de Andrada (Abrev.: *CP*).

As figuras femininas, cujas biografias são relatadas com maior ou menor pormenor, oriundas das tradições clássica greco-latina, judaico-cristã e da história e literatura medievais, são referentes fundamentais para a eficácia *pedagógica* destes textos. Entenderemos aqui *exemplum* com o sentido que seguramente era o dos nossos moralistas: um dos muitos artifícios discursivos da retórica clássica à sua disposição.² Contudo, em relação a Vives, Barros, Luján, Gonçalves, León e Andrada, D. Francisco confere-lhe peso, intencionalidade e forma diferentes. É extremamente significativo o facto de a *Carta* assumidamente colocar de lado as “Pórcias, Cassandras, Zenóbias e Lucécias,” dentro de um espírito de rejeição da erudição clássica que, na crítica de D. Francisco, por vezes enfastia. Procuraremos explorar o alcance, significado e limites desta opção textual, demonstrando em que sentido a *Carta* faz avançar a *linguagem* pedagógica, em relação à moralística peninsular, sem deixar de sublinhar os lugares comuns da tradição.

Trata-se de uma primeira aproximação ao estudo do discurso didáctico centrado no tema matrimonial. Textos fundamentalmente ideológicos, visam uma eficácia perlocutória que os sobredetermina. Uma eficácia que, para ser dimensionada, não bastará com uma descrição

* Este artigo, inicialmente integrado numa secção da minha dissertação de tese para a obtenção do grau de Mestre (F.C.S.H. da U.N.L., Julho de 1994) orientada pela Professora Doutora Maria Leonor Carvalho Buescu, conheceu uma primeira publicação na revista on-line *Ciberkiosk*, número 6 (Julho de 1999, www.ciberkiosk.pt), incluído numa secção intitulada «Para Uma História Da Literatura Comparada entre Espanha e Portugal».

¹ Acrescento, ainda, o livro de Rui Gonçalves *Dos privilegios & praerogativas que ho genero feminino tem por direito comum & ordenações do Reyno mais que ho genero masculino*. Faremos referência, por outro lado, à “Letra a Mosén Puche” de Fr. Antonio de Guevara (Abrev.: *PP*).

² A Retórica em Portugal, como sabemos, foi incluída nos *curricula* universitários a partir do início do século XVI. O movimento humanista deu à cadeira um impulso definitivo. Cícero e Quintiliano, a que se lhes juntará Aristóteles num segundo momento, são assimilados pela formação universitária, directa ou indirectamente. Foi sobretudo determinante, do ponto de vista pedagógico, o *De Arte rhetorica*, compêndio do Pe. Cipriano Soares que foi um manual fundamental da cadeira de Retórica. Os nossos moralistas formaram-se no novo espírito que concedia à disciplina uma posição determinante. Vives desempenhou, mesmo, um papel determinante na sua assimilação e difusão. Limitamo-nos, sobre esta questão, a remeter para os capítulos I da obra de Aníbal Pinto de Castro (13-81).

textual dos diferentes recursos discursivos de que fazem uso os moralistas. Será necessária, também, a discussão dos condicionalismos sociais e culturais que conformam estes textos. Ora, o presente ensaio situa-se na etapa descritiva desse trabalho, centrando-se exclusivamente em *um* dos recursos a que fazíamos referência: o *exemplum*.

A moralística dos séculos XVI e XVII dispôs de inúmeras fontes onde podia recolher os seus *exempla*.³ A colecção de figuras femininas notáveis, visando o enaltecimento da mulher, é uma tradição que remonta aos catálogos de feitos memoráveis da Antiguidade e que chega ao Humanismo.⁴ Importa-nos, sobretudo, o carácter de *autoridades* que esses catálogos e seus autores têm no discurso didáctico. A invocação de um Plutarco ou de um Tito Lívio, entre outros, vale pela credibilidade que confere ao texto, ainda que o moralista não o conheça em primeira mão.

Das fontes clássicas mais importantes para as mulheres pagãs destacou-se o *De mulieribus virtutibus*, incluído nos *Moralia* de Plutarco. Em Lluís Vives (*IMC*, 1082, col. I; 1084, col. I), João de Barros (*EC*, fol. 61), Pedro de Luján (*CM*, 79),⁵ Rui Gonçalves (*PP*, 10)⁶ e Luis de León (*PC*, 239, col. II)⁷ encontramos-lo como autoridade. As remissões a este autor são sobretudo abundantes em Paiva de Andrada, que revela utilizá-lo, por exemplo, para a vida de Tanaquil (*CP*, 116, 167).

Uma obra bastante popular na Península Ibérica foi o *De factis dictisque memorabilibus* de Valério Máximo (Boyer, 206). Este autor é referido por Gonçalves para a vidas de Arestila e Tercia Emília (*PP*, 27), o *Espelho de Casados* para as vidas, entre outras, de Artemisia, Penélope, Júlia mulher de Pompeio e Fila (*EC*, fols. 29-29v); e de Andrada para Cornélia e Orestila (*CP*, 13, 97), por exemplo. Também as *Décadas* de Tito Lívio, que conheceram franca fortuna e popularidade (Boyer, 202-04), são fonte para algumas vidas femininas. Vives utiliza-o, por exemplo, para a vida de Híspula (*IMC*, 1125. col. I), o *Espelho de Casados* para a de Virgínia (*EC*, fol. 49v), os *Coloquios matrimoniales* para as vidas de Hipólita, mulher de Lúcio

³ Não procurei, contudo, fazer um estudo crítico e exaustivo das fontes directas de cada uma das obras que temos vindo a considerar. Agustín Boyer coloca alguns dos problemas que semelhante trabalho coloca, ao determinar as fontes do *Libro de claras e virtuosas mugeres*. A citação concreta de uma fonte nem sempre é feita por Álvaro de Luna. E mesmo quando o faz pode não significar que recolheu o *exemplum* directamente nessa fonte. Diz Boyer: “Las citas de autoridades dadas por un autor medieval, por supuesto, no se pueden tomar al pie de la letra para demostrar su dependencia real en dichas fuentes. Abultar una narración, sacada de un sólo autor o de un florilegio popular, con una retahíla de *auctores* es uno de los resortes retóricos más corrientes a la hora de querer aparentar una erudición libresca o dar validez probatoria, por acumulación, a una tesis. Algunos de los *auctores* citados por Luna no los ha leído directamente sino a través de fuentes intermediarias” (189-90).

⁴ Diz Sebastião Tavares de Pinho: “Este tipo de elogio não era novidade no século XVI, pois encontra paralelo entre autores clássicos da Antiguidade, como no tratado *De mulieribus uirtutibus* de Plutarco, incluídos nos seus *Moralia*, 243A-263F, e em Valério Máximo, nos seus *Feitos e Ditos Memoráveis*. Entre os humanistas do Renascimento, recordem-se as mulheres celebradas por Dante na *Divina Comédia*, e por Petrarca nos seus *Trionfi*, e sobretudo Bocácio com o seu *Insigne opus De claris mulieribus* (Ulm, 1473) e Jacobus Philippus Bergomensis com o tratado *De plurimis claris celestibusque mulieribus* (Ferrara, 1493). Entre nós, um contemporâneo de Rui Gonçalves, o médico Lopo Serrão, consagra ao mesmo tema um canto inteiro do seu longo poema acerca *Da Velhice*” (210).

⁵ Trata-se, na verdade, de uma referência indirecta uma vez que o passo de Luján é uma adaptação de um outro passo da *Epistolas Familiares* (I, 55) de António de Guevara segundo Rallo Graus. Noutro passo (Luján, 107), a referência directa ao *De mulieribus virtutibus* é novamente uma adaptação de Guevara, agora do *Relox de Principes* (II, IV).

⁶ Uma glosa refere ser o *De claris mulieribus* a fonte para a mulher de Píteo. Na verdade trata-se de uma referência indirecta. Bocácio é o intermediário.

⁷ Plutarco é aqui a fonte para a referência à imagem de Vénus sobre uma tartaruga. Também Andrada faz referência a esta imagem num passo em que cita Plutarco (*infra* n. 148).

Torquato, e Sofia, mulher de Públio Varrão (a partir do *Relox de Principes* Guevara, *CM*, 180 e 181, respectivamente), entre outras, e Andrada para as vidas de Túlia e Lucrecia (*CP*, 20 e 151 respectivamente).

Contudo, não só a historiografia e literatura clássicas fornecem figuras femininas. A “enciclopédia” de mulheres pagãs foi completada por autores cristãos como S. Jerónimo, nomeadamente através do *Adversus Iovinianum*, ou Santo Agostinho, cuja *De civitate* serviu também de fonte para algumas mulheres pagãs. Estes autores, educados na tradição literária clássica, foram veículo para o conhecimento dos autores gregos e latinos, passados pelo crivo da cristianização.

Seria, contudo, Bocácio quem viria a tornar-se a principal fonte dos humanistas para os *exempla* femininos, sobretudo com o *De claris mulieribus*.⁸ Contudo, como bem sabemos, a posteridade recordá-lo-ia, muitas vezes, como antifeminista. Tal é o caso do Dr. João de Barros que, no *Espelho de Casados*, o conta no grupo dos que atacam as mulheres (*EC*, fol. 12v; neste grupo encontram-se Diógenes, Terêncio, João Alexandrino, o Arcipreste de Talavera, a *Celestina* de Fernando de Rojas, Ariosto, S. Agostinho e alguns passos da própria *Bíblia*). Na verdade, o *De claris* serviu, pelo contrário, aos que argumentavam em favor do género feminino, e talvez pela má fama que alcançou, apenas se refere a Bocácio como fonte o licenciado Rui Gonçalves (*PP*, 16, 20, 27). Ainda assim, seria para alguns dos autores que estudamos, muito possivelmente, fonte não confessada.

Distribuirei por grupos o levantamento dos *exempla* das obras seleccionadas da moralística peninsular. A partir deste levantamento procurarei responder a várias questões. Primeiramente, o inventário vira esclarecer quais as virtudes ou vícios são prioritariamente ilustrados pelos *exempla*. Hierarquizaro esses atributos, tendo em vista encontrar a imagem da mulher que compõem. Ainda neste sentido, confronto a convergência, ou divergência, na apropriação de um mesmo *exemplum* pelos vários autores. Em segundo lugar, ser-nos-á possível avaliar a importância das várias figuras, ou grupo de figuras, em cada uma das obras. Por último, comparo a especificidade de cada texto na utilização deste recurso retórico, podendo esclarecer a diferença da *Carta* em relação à tradição tratadística.

Seguindo a retórica clássica, distinguiremos figuras históricas de figuras mitológicas e/ou literárias. Um terceiro grupo será formado pelas figuras bíblicas e hagiográficas, cuja proveniência ideológica as distingue dos primeiros dois grupos. Destacámos, por outro lado, um quarto grupo, o das mulheres filósofos, poetas, etc., uma vez que o carácter exemplar das figuras que o compõem, como veremos, dista dos primeiros grupos. Foi ainda considerado outro grupo composto por mulheres que estiveram próximas (por laços familiares, de amizade, ou outros) de autores da antiguidade ou então, dos moralistas. A proximidade afectiva determinou uma imagem autónoma destas mulheres. Por fim, isolo um grupo que se distingue por pertencer especificamente à *Carta*: as vozes anónimas femininas.

Nas listagens que se seguem, indico em nota de rodapé o autor, obra e página onde podemos encontrar cada figura feminina. Ainda em nota, explico a razão pela qual são referidas e, quando tal se justifique, confronto razões divergentes entre os vários autores. Segue-se, pois, a

⁸ De sobra es sabido como el Boccaccio humanista se convirtió inmediatamente en una autoridad para sus contemporáneos y sucesores a quienes sus obras latinas suministraban una enciclopedia cuantiosa de datos mitológicos, geográficos y biográficos de la antigüedad (Boyer 207).

sistematização do catálogo de *exempla* dos textos de moralística matrimonial por nós seleccionados no capítulo anterior, que, embora não exaustivo, procurou ser representativo, mantendo, acima de tudo, a diferenças relativas das dimensões de cada um dos grupos em que foram divididos.

O grupo das *figuras históricas* trata-se, sem dúvida, do grupo mais vasto. Os exemplos históricos são aqueles que servem melhor o objectivo da utilização do *exemplum*: mais fidedignos porque históricos, são também os mais notabilizados pela tradição historiográfica (Lausberg, § 350). O *exemplum* histórico é, então, o de maior eficácia pedagógica. Os moralistas recorrem a ele também porque confere credibilidade e autoridade ao seu discurso. Ao mesmo tempo, enquanto figuras de um passado histórico, são medidas pelas quais se considera ser possível aferir a “realidade” da condição feminina.

Dentro deste grande grupo, é possível distinguir três conjuntos. Em primeiro lugar, os *exempla* da historiografia clássica grega. Destacam-se neste conjunto as figuras de Amestris (Andrada, *CP*, 37 e 151),⁹ Argia (Andrada, *CP*, 151),¹⁰ Arquipa (Vives, *IMC*, 1156, col. II),¹¹ Artemísia (Vives, *IMC*, 1083, col. I; Barros, *EC*, fol. 29r. e 48v; Rui Gonçalves, *PP*, 16 e 25),¹² Camila (Rui Gonçalves, *PP*, 16),¹³ Erifile (Andrada, *CP*, 16),¹⁴ Fila (Barros, *EC*, fol. 29v; Andrada, *CP*, 11),¹⁵ Hipo (Rui Gonçalves, *PP*, 24; Andrada, *CP*, 11),¹⁶ as irmãs de Hierón (Vives, *IMC*, 1124, col. I),¹⁷ Laódice (Andrada, *CP*, 38; Barros, *EC*, fol. 42v),¹⁸ a prometida de Leóstenes (Vives, *IMC*, 1082, col. II),¹⁹ a rainha de Lídia (Andrada, *CP*, 9 e 56),²⁰ a mulher de Masfates (Andrada, *CP*, 85.),²¹ Olímpia (Vives, *IMC*, 1109, col. II.),²² Panteia (Luján, *CM*, 107;

⁹ A mulher de Xerxes, rei dos Persas é citada pelos seus ciúmes agressivos e como mulher trabalhadora que tecia a roupa que o seu marido vestia.

¹⁰ A filha do rei Adrasto e mulher de Polinices é referida como mulher trabalhadora.

¹¹ A esposa de Temístocles, rei dos atenienses, pela sua diligência, o marido nutria por ela um grande amor e comprazia-a em tudo.

¹² Trata-se de Artemísia II rainha de Halicarnasso, mulher de Mausolo, rei da Cária. Vives narra como ela bebeu, por amor, as cinzas do marido morto. Em Barros é exemplo de castidade e amor ao marido, enquanto Rui Gonçalves a inclui entre as mulheres notáveis pela fortaleza.

¹³ Aliada de Turno e Mezêncio contra os troianos, foi educada na arte da guerra. Era acompanhada por um grupo de guerreiros, entre eles mulheres. Citada pela fortaleza.

¹⁴ A mulher de Anfierau e irmã de Adrasto traiçou o marido por interesse e por falta de amor.

¹⁵ Princesa da Macedónia. Após a morte do último marido, Demétrio, suicida-se. Ambos os autores a destacam pelo amor ao marido e firmeza conjugal.

¹⁶ Jovem grega raptada, segundo Valério Máximo, por um grupo de piratas e que para defender a castidade se atirou ao mar. É o episódio que narra Rui Gonçalves. Para Andrada é exemplo de morte voluntária em defesa da honestidade.

¹⁷ Hierón II foi rei de Siracusa. Segundo Vives a altivez destas irmãs provocou uma rebelião popular que precipitou o fim da linhagem.

¹⁸ Rainha da Síria, mulher de Antíoco II. Repudiada pelo marido envenenou-o e mandou matar Berenice, a nova mulher de Antíoco. Ambos os moralistas referem este episódio como exemplo de ciúmes.

¹⁹ A filha deste general ateniense é, para Vives, exemplo de castidade, pois suicidou-se após a morte do seu prometido, a quem tinha entregue a sua vontade.

²⁰ Trata-se, embora Andrada não mencione o nome, de Nisia, mulher do rei Candaules. Denomina-a “malguardada” pelo facto de o seu marido a ter mostrado a um criado em lugar e postura íntimos. Este criado é Giges, um oficial de Candaules que, instado por Nisia, o mata. Esta história é utilizada para demonstrar que o marido deve manter a esposa longe dos olhares de outros homens.

²¹ Masfates, rei da Capadócia costuma chamar à mulher *Psique*, por comparar a formosura da esposa com a da deusa grega. Um filho de Catão Uticense apaixonou-se por ela, e sendo convidado por Masfates a sua casa consegue seduzi-la apesar da sua honestidade. Andrada utiliza este episódio para demonstrar aos maridos que não devem levar homens a casa.

Andrada, *CP*, 11 e 141),²³ as mulheres dos reis da Pérsia (Vives, *IMC*, 1110, col. II),²⁴ Roxane (Andrada, *CP*, 9)²⁵ e Timocleia (Barros, *EC*, fol. 48v).²⁶ Os moralistas elogiam nas mulheres gregas sobretudo as virtudes da castidade, da fortaleza e do amor ao marido. Nos antípodas morais destas, temos alguns exemplos de ciúmes violentos e de traições conjugais. Contudo, do universo grego destacaram-se sobremaneira no imaginário ocidental, como veremos mais adiante, as mulheres da literatura e da mitologia.

Por seu turno, das mulheres históricas da antiguidade, a memória literária retém sobretudo as romanas. Neste conjunto figuram *exempla* como Agripina (Vives, *IMC*, 1084, col. II, 1143, col. II e 1153, col. I; *DM*, 1264, col. II; Andrada, *CP*, 153),²⁷ Ania (Andrada, *CP*, 101),²⁸ Árria (Vives, *IMC*, 1082, col. II),²⁹ Cesónia (Andrada, *CP*, 56),³⁰ Clélia (Vives, *DM*, 1276, col. I),³¹ Cleópatra (Luján, *CM*, 276),³² Cornélia (Vives, *IMC*, 1083, col. I e 1088, col. I; *DM*, 1300, col. I; Andrada, *CP*, 36),³³ Cornélia mãe dos Gracos (Vives, *IMC*, 1085, col. I, 1103, col. I, 1105, col. II, 1116, col. II, 1139, col. I e 1141, col. I; *DM*, 1313, col. I, 1314, col. II, 1276, col. I, 1285, col. II e 1336, col. I; Rui Gonçalves, *PP*, 7 e 27; Andrada, *CP*, 13),³⁴ Emília Tércia (Vives, *IMC*, 1114, col. II; Barros, *EC*, fol. 43v; Rui Gonçalves, *PP*, 27),³⁵ Fausta (Andrada, *CP*, 7),³⁶ Flácila

²² Mulher do rei Filipe II da Macedónia, mãe de Alexandre Magno. O povo ateniense respeitou os seus segredos conjugais não lendo umas cartas que lhe foram interceptadas.

²³ Mulher de Abradato governador de Susiana. Ocupou-se em obras de virtude, como destaca Andrada. Para este e para Luján exemplifica também o amor conjugal.

²⁴ Não eram admitidas nas orgias dos maridos, nas que eram substituídas por bailarinas e concubinas.

²⁵ Esposa de Alexandre, filha de um capitão de Bactria que o marido fizera prisioneiro. Narra Andrada como Alexandre Magno não fez herdeiro dos seus reinos o filho de ambos, por existir diferença e estado entre os pais. Isto é, a desigualdade entre os casados não só afecta os próprios como também os descendentes.

²⁶ Por ocasião do saque de Tebas por Alexandre foi ultrajada por um oficial trácio. Barros narra como Timocleia, por vingança, mata o seu agressor, atirando-o a um poço.

²⁷ Trata-se de Agripina Maior, esposa de Germânico e mãe de Nero, neta de César Augusto. Segundo Andrada aprendeu a fiar e coser, junta da sua irmã Júlia. Vives refere-se à fama de Agripina como mulher virtuosa, mas também refere como se arrependeu de criar o seu filho Nero. Diz, igualmente, como ganhou o afecto de Lívia, avó de Germânico, com a sua honestidade e o amor por seu marido. Não deixa, contudo, de qualificá-la como mulher ativa e áspera.

²⁸ Matrona romana que tendo enviuvado jovem e rica recusou casar outra vez. É, portanto, exemplo de amor conjugal.

²⁹ Trata-se de Árria Maior, esposa de Caecinus Paetus. Quando o marido, acusado de ter participado numa conspiração, é executado, Árria suicida-se com um punhal proferindo as palavras “Paete, non dolet.”

³⁰ Quarta mulher de Calígula. É dada como exemplo de mulher adúltera com marido negligente.

³¹ Trata-se de uma donzela romana que conseguiu fugir ao cerco de Roma de 507 a. C. atravessando o Tibre a nado. É citada entre as mulheres de carácter forte.

³² Amante de Marco António. Rui Gonçalves, *PP*, 16 e 20. Rainha do Egipto, filha de Ptolomeu XII. Rui Gonçalves refere a sua fortaleza e liberalidade. Mas, para Luján, Marco Antonio, seu amante, amaldiçoou este amor.

³³ Última esposa de Pompeio Magno. Assinalam-na com exemplo de amor ao marido e virtude.

³⁴ Filha de Cipião o Africano e esposa de Tibério Graco. Mulher virtuosa, de nobre estirpe, louvada pela entrega à família, à educação dos filhos, a eloquência, a fortaleza de espírito, a docilidade para com o marido e a altivez para com os outros homens. Rui Gonçalves refere-a como exemplo de sabedoria. Os três moralistas narram também como Tibério Graco, podendo escolher entre a morte e a morte de Cornélia, não duvidou em oferecer a sua vida para salvar a da sua mulher, sendo este um exemplo mais de amor conjugal.

³⁵ Mulher de Cipião o Africano e mãe de Cornélia, mãe dos Gracos. Segundo Vives é exemplo de prudência por ter condescendido com a relação entre o seu marido e uma serva. O mesmo episódio narram Rui Gonçalves como exemplo de amor conjugal, e o Dr. João de Barros de mansidão.

³⁶ Esta dama romana célebre pelas suas leviandades é filha de Lúcio Cornélio Sila. Andrada refere que casou com um homem de nascimento humilde. A diferença de condições de origem provocou a infelicidade do matrimónio e o adultério.

(Vives, *IMC*, 1081, col. I; Andrada, *CP*, 26),³⁷ Hipsicrateia (Vives, *IMC*, 1081, col. I),³⁸ Híspula (Vives, *IMC*, 1125, col. I),³⁹ Imilce (Andrada, *CP*, 36),⁴⁰ Júlia (Vives, *IMC*, 1083, col. I; Barros, *EC*, fol. 29r; Rui Gonçalves, *PP*, 27; Andrada, *CP*, 11),⁴¹ Lélia (Vives, *DM*, 1313, col. I),⁴² Livia (Vives, *IMC*, 1079, col. I),⁴³ Lucrécia (Vives, *IMC*, 1079, col. II e 1133, col. II; *DM*, 1276, col. I, 1285, col. II, 1314, col. II e 1332, col. I; Guevara, *EF*, I, 55, 388; Barros, *EC*, fols. 48v e 49v; Luján, *CM*, 80; Rui Gonçalves, *PP*, 24; Andrada, *CP*, 11 e 150; Melo, *CGC*, 178),⁴⁴ Lucila (Barros, *EC*, fol. 43r),⁴⁵ Medulina (Rui Gonçalves, *PP*, 24),⁴⁶ Octávia (Vives, *IMC*, 1105, col. I),⁴⁷ Orestila (Vives, *IMC*, 1087, col. I),⁴⁸ Pórcia (Vives, *IMC*, 1083, col. I e 1110, col. I; *DM*, 1276, col. I, 1285, col. II e 1314, col. II; Luján, *CM*, 108; Andrada, *CP*, 11 e 98; Melo, *CGC*, 178),⁴⁹ Quintília (Barros, *EC*, fol. 48r),⁵⁰ Salonia (Vives, *IMC*, 1087, col. I),⁵¹ Semprónia (Vives, *IMC*, 1129, col.),⁵² Soemias (Rui Gonçalves, *PP*, 8),⁵³ Sulpícia (Vives, *IMC*, 1081, col. I e 1125, col. I; *DM*, 1314, col. II, 1276, col. I),⁵⁴ Tanaquil (Andrada, *CP*, 47 e 116),⁵⁵ Terência (Vives,

³⁷ Vives refere uma Flácila esposa de Nónio Prisco, a quem seguiu fora de Itália no exílio. Andrada cita a imperatriz Hélia Flácila, mulher do imperador Teodósio. Esta mulher, cristã de origem hispana, destacou-se por virtudes como a protecção dos infelizes e dos cristãos. Segundo Andrada, admoestava o marido com total a liberdade.

³⁸ Esposa de Mitridates, rei do Ponto. Vestida de homem, procurou o marido derrotado. Dada como exemplo de fidelidade na adversidade.

³⁹ Meretriz romana, desmaiou ao saber que se ia reunir com Sulpícia, dama extremamente virtuosa. É citada pelo respeito que demonstra perante a virtude.

⁴⁰ Mulher de Anibal, que confiava plenamente na sua fidelidade.

⁴¹ Recordada pela sua virtude, é esposa de Pompeio e filha de César e Cornélia. Segundo Vives abortou e morreu quando, ao receber as vestes ensanguentadas de Pompeio, acreditou que tinha morrido. O mesmo episódio é referido por Barros e Rui Gonçalves, como exemplo de amor conjugal. Há outra Júlia, filha de Augusto César e casada em terceiras núpcias com Tibério. Durante este casamento leva uma vida licenciosa. É referida em Vives, *DM*, 1290, col. II e em Andrada, *CP*, 7 e 153. Ambos narram como Tibério, para não suportar os adultérios e impropérios de sua mulher, se retira para Rodes. Ainda, Júlia, neta de Augusto César, é também citada por Andrada, *CP*, 153. Em Barros, *EC*, fol. 43v uma Júlia, mulher de César Augusto, é citada por deixar o marido levar jovens para a cama, em virtude da sua condição de imperador.

⁴² Dama romana filha de Lélío Sapicus, foi célebre pela sua cultura e eloquência. É por esta razão que Vives a cita.

⁴³ Irmã de Germânico e mulher de Druso, filho de Tibério César. É apresentada por Vives como adúltera e homicida. Refere-se, ainda, uma Livia mulher de Augusto César em Rui Gonçalves, *PP*, 10 e Andrada, *CP*, 23 e 153, exemplo de boa conselheira e trabalhadora, pois cosia e fiava. Verifica-se, por outro lado, a referência a Livia Ocelina, citada por Vives, *DM*, 1294, col. I.

⁴⁴ Esposa de Colatino. Vives mostra-a como casta, mansa com o marido, que despreza os outros homens, trabalhadora (também em Andrada e Luján). Numa palavra, é um paradigma da “bem casada.” É, de facto, uma das mulheres mais referidas por Vives. Barros destaca a sua castidade e refere a sua violação por Tarquínio e posterior suicídio. Rui Gonçalves também menciona este episódio.

⁴⁵ Mulher do co-imperador Vero, matou o marido.

⁴⁶ Mata o pai que, embriagado, a violara. É um exemplo de castidade.

⁴⁷ Trata-se da filha de Cláudio, irmã de Britânico, mulher de Nero. Há ainda uma outra Octávia, irmã de Augusto, mulher de Marco António e Cláudio Marcelo. *Ibid.*, 1137, col. II. É exemplo de uma mãe sofrida.

⁴⁸ Mulher de Catilina. Segundo Vives, foi menosprezada, apesar da sua beleza e riquezas. Uma Orestila, esposa de Marco Pláucio, é referida por Andrada, *CP*, 97. O marido suicidou-se após a sua morte, sendo deste modo exemplo de amor conjugal.

⁴⁹ Mulher de Marco Bruto. Vives refere o seu suicídio, após a morte de Bruto, como também Luján e Andrada. É feita ainda referência à ferida que ela mesma se infligiu para provar a sua resistência, depois do atrevimento de compartilhar os segredos do esposo. Mostra-a, igualmente, como mulher forte, servil para com o marido, soberba com os demais homens.

⁵⁰ Comediante romana, amante de Pompéio. Sujeita a torturas por Calígula. Barros pretende refutar a ideia de que as mulheres são inconstantes. Quintília sofreu toda a espécie de torturas sem nunca revelar a identidade de amigos conjurados contra o imperador.

⁵¹ Esposa de Catão. Venerada pelo povo romano, apesar da sua pobreza.

⁵² Nobre romana, pertenceu ao grupo de Catilina. Vives considera-a viciosa, pouco honesta e amante do dinheiro.

⁵³ Da família dos Severos, mãe do imperador Heliogábalos. É exemplo de mulher sábia.

⁵⁴ Foi considerada no seu tempo a mulher romana mais virtuosa. Salienta Vives a sua fortaleza e fidelidade ao esposo proscrito, e apresenta-a entre as mulheres exemplares para a “bem casada.”

IMC, 1098, col. II),⁵⁶ as mulheres dos Teutões (Vives, *IMC*, 1079, col. II),⁵⁷ Tésia (Vives, *IMC*, 1103, col. II),⁵⁸ Túlia (Andrada, *CP*, 19),⁵⁹ Valéria (Barros, *EC*, fol. 29v; Andrada, *CP*, 98),⁶⁰ Virgínia (Vives, *IMC*, 1103, col. I)⁶¹ e Zenóbia (Vives, *IMC*, 1111, col. I; Melo, *CGC*, 178).⁶² O conjunto das mulheres da história romana é o mais vasto de todos, e, também, aquele que melhor ilustra as virtudes mais louvadas: amor conjugal, fidelidade, castidade e fortaleza contam-se entre as virtudes mais associadas às mulheres romanas. Estas, ainda, distanciam-se das figuras dos outros grupos e conjuntos pelo seu saber. É difícil o destaque de uma única mulher da história romana. Sobressaem, pela recorrência e pela importância que lhes é conferida, mulheres como Cornélia, Ária, Lucrécia, Júlia, Livia e Pórcia, entre outras. A ideia que nos fica é que, de facto, as mulheres romanas, que chegam ao Renascimento através da historiografia romana, são relevadas por se encontrarem mais próximas da realidade e da humanidade, porque mais próximas também no tempo. Simultaneamente, numa escala que se considera “mais humana,” representam uma excelência verdadeiramente excepcional.

Por fim, a história medieval e a história moderna forneceram aos nossos moralistas, entre outras, as seguintes mulheres: Ana (Barros, *EC*, fol. 52v),⁶³ Beatricina (Andrada, *CP*, 73),⁶⁴ Catarina de Aragão (Vives, *DM*, 1276, col. I e 1314, col. II),⁶⁵ rainha Dona Catarina (Rui Gonçalves, *PP*, 18; Melo, *CGC*, 190),⁶⁶ Clara Cervent (Vives, *IMC*, 1090, col. II; *DM*, 1314, col. II),⁶⁷ Cláudia (Andrada, *CP*, 87),⁶⁸ Deutéria (Andrada, *CP*, 38),⁶⁹ Clotilde (Vives, *IMC*, 1136, col. I),⁷⁰ Edeltruda (Vives, *IMC*, 1111, col. I; Barros, *EC*, fol. 48v),⁷¹ Etelfrida (Vives, *IMC*, 1111, col. I; Barros, *EC*, fol. 48v),⁷² Florinda (Vives, *DM*, 1262, col. II),⁷³ Gianquineta

⁵⁵ Mulher de Tarquínio o Velho. Orientou o marido, ajudando-o assim a chegar a reinar em Roma. É considerado um matrimónio virtuoso e honesto.

⁵⁶ Segundo o moralista, Terência e o marido formaram um matrimónio longo.

⁵⁷ Segundo Vives, enforcaram-se, após a morte dos respectivos maridos por Mário e a negativa deste a enviá-las a Roma como vestais.

⁵⁸ Irmã de Dionísio, tirano de Siracusa, e casada com Filoxeno. Fiel ao marido, ainda que pressionada por Dionísio, não revelou o seu paradeiro.

⁵⁹ Filha de Sérvio Túlio, sexto rei de Roma, e mulher de Tarquínio. Foi, como seu marido, ambiciosa e cruel.

⁶⁰ Mulher romana que se manteve leal à memória do marido morto, não voltando a casar.

⁶¹ Patrícia romana casada com o plebeu Lúcio Volumnio. Vives destaca a sua virtude na aceitação da condição de plebeia. Outra Virgínia, filha do centurião Virgínio, é referida por Barros, *EC*, fol. 49r. Segundo o autor do *Espelho de Casados*, Ápio Cláudio, um decênviro, apaixonou-se por ela. O pai apunhalou-a em público para, assim, evitar a desonra.

⁶² Rainha dos palmirenos, viúva de Odénato. Vives salienta a sua castidade, sabedoria e prudência.

⁶³ Rainha de Inglaterra, mulher de Ricardo II. Não lhe dando filhos o marido, procurou outros homens.

⁶⁴ Casada com Filipo Maria, Duque de Milão. É dada como exemplo de mulher velha e viciosa.

⁶⁵ Filha dos Reis Católicos e primeira esposa de Henrique VIII de Inglaterra. Destacada pelo o seu ânimo varonil.

⁶⁶ Mulher de D. João III. Em Gonçalves ilustra todas as prerrogativas femininas.

⁶⁷ Trata-se de uma mulher sua contemporânea, esposa de Bernardo Valldaura. Cuidou do marido doente durante muitos anos.

⁶⁸ Genovesa filha do Conde Sinibaldo, casada com Simão Ravasquero. Honesta, um homem que a requeria insistentemente, chegando a entrar no quarto dela, foi morto pelos criados, que acudiram ante os gritos da jovem.

⁶⁹ Mulher do rei Teodoberto. Por ciúmes mata a filha.

⁷⁰ Esposa de Clodoveu, rei da França. Citada pela sua devoção, converteu o marido ao cristianismo.

⁷¹ Santa filha de Ana, rei de Estânglia, Inglaterra. Tanto Vives como Barros referem como ela se manteve casta apesar dos casamentos políticos.

⁷² Referem-se à santa Eteldreda ou Alfreda, filha de Ofá, rei da Mércia, Inglaterra. Depois do primeiro parto viveu em perpétua castidade.

(Andrada, *CP*, 90),⁷⁴ dona Hierónima de Carvalho (Andrada, *CP*, 33),⁷⁵ Ingulda (Vives, *IMC*, 1136, col. I),⁷⁶ rainha Dona Isabel (Rui Gonçalves, *PP*, 16),⁷⁷ Isabel a Católica (León, *PC*, 222, col. I; Andrada, *CP*, 152; Melo, *CGC*, 193),⁷⁸ Joana (Andrada, *CP*, 68),⁷⁹ Joana D'Arc (Rui Gonçalves, *PP*, 16),⁸⁰ Leonora (Andrada, *CP*, 90),⁸¹ Dona Luísa de Gusmão (Melo, *CGC*, 190),⁸² Margarida de Chaves (Melo, *CGC*, 213),⁸³ a rainha Dona Maria (Rui Gonçalves, *PP*, 30),⁸⁴ a chamada “papisa” Joana (Barros, *EC*, fol. 45v),⁸⁵ a Princesa de Roca-Sorion [*i.e.*, de Roche-sur-Ion] (Melo, *CGC*, 191),⁸⁶ a mulher do rei Roberto de Inglaterra (Vives, *IMC*, 1081, col. II),⁸⁷ Dona Sancha (Vives, *IMC*, 1081, col. II; Luján, *CM*, 107; Rui Gonçalves, *PP*, 28),⁸⁸ Sinegunda (Vives, *IMC*, 111, col. I),⁸⁹ a imperatriz Teodora (Barros, *EC*, fol. 45v; Rui Gonçalves, *PP*, 13-14),⁹⁰ Vitória Colona (Andrada, *CP*, 30)⁹¹ e Zoé (Andrada, *CP*, 8).⁹² Embora não tão expressivo quanto o conjunto das mulheres romanas, neste núcleo encontramos, contudo, exemplos bastante significativos. O que imediatamente ressalta é o facto de a grande maioria destas mulheres pertencerem a um estado social bastante elevado. Essa circunstância é aproveitada pela moralística para ilustrar virtudes e alertar para perigos inerentes a tal condição. Considere-se, por exemplo, a imperatriz Teodora, louvada pela forma sábia como aconselha o marido, Justiniano, no governo do império. Significativos também neste conjunto são os *exempla* de mulheres que, ocupando um lugar de grande proximidade com o poder, se notabilizaram pelo papel desempenhado na conversão dos maridos e de determinados povos. São os casos de Ingulda e

⁷³ Também conhecida por “La Cava.” Filha do conde godo Julião. Rodrigo apaixonou-se por ela. Florinda resiste. Violada, pede vingança ao pai que se crê ter facilitado a entrada dos Árabes na Península. Vives refere-a entre as mulheres nefastas que causaram guerras.

⁷⁴ Apenas referida pelo autor como dama genovesa. Exemplo de mulher cuja formosura não lhe impede ser honesta.

⁷⁵ Mulher de Francisco Coutinho. Exemplo de santidade.

⁷⁶ Esposa de Hermógilo, rei dos godos. Converteu o marido ao cristianismo.

⁷⁷ Avó de Dona Catarina e mulher de D. Fernando. É exemplo de fortaleza.

⁷⁸ Em León aparece como exemplo de mulher trabalhadora. Em Andrada, como mulher santa.

⁷⁹ Rainha de Apúlia e de Nápoles. Casada com André, segundo filho do rei da Hungria. A sua soberba fê-la viciosa e desonesta, chegando a colaborar numa conspiração em que mataram o seu marido.

⁸⁰ Referida pela sua fortaleza.

⁸¹ Mulher napolitana. Formosa e insolente desprezou um pretendente por quem depois morreu de amor.

⁸² Mulher de D. João IV. Apenas referida como sobrinha de D. Catarina.

⁸³ Natural de Ponta Delgada levou uma vida de caridade e santidade. O processo de beatificação foi iniciado pelos filhos, mas foi interrompido quando estes morreram.

⁸⁴ Mãe do rei contemporâneo de R. Gonçalves. Mulher trabalhadora, fugia da ociosidade.

⁸⁵ O muito saber leva-a a papisa.

⁸⁶ Roche-Sur-Yon é a forma correcta de ortografar Roca-Sorion, como vem na *editio princeps*. Trata-se de Philippe de Montespedon que casou em segundas núpcias com Carlos Bourbon, Príncipe de Roche-sur-Yon. A Princesa foi dama de Catarina de Médicis.

⁸⁷ Extraiu o veneno da ferida mortal do esposo, arriscando assim a própria vida.

⁸⁸ Mulher do conde Fernán González de Castilha e filha do rei de Navarra. Narra Vives como salvou o marido da prisão quando, numa visita, trocaram de roupa, ficando ela presa. Luján narra como Dona Sancha livrou o marido da prisão e, fugindo com ele, matou um preste que a tentou forçar no caminho. A mesma história é referida por Rui Gonçalves como exemplo de amor conjugal.

⁸⁹ Esposa de Henrique de Baviera. Segundo Vives trata-se de um matrimónio sem união carnal. É exemplo, pois, de castidade conjugal.

⁹⁰ Mulher de Justiniano. Segundo Barros governava com sabedoria o império e ocultava os defeitos do marido. Rui Gonçalves mostra-a como sendo boa conselheira do marido.

⁹¹ Mulher do Marquês de Pescara. Morto o marido, manteve vivo o seu amor por ele.

⁹² Trata-se de Zoé Porfirogeneta, filha do imperador Constantino. Casou com um homem de classe inferior, o que lhe valeu o desterro. É exemplo das consequências a de um casamento desigual.

Clotilde. Note-se, ainda, que encontramos exemplos do aviso, em que insistem bastante os moralistas, de que os casamentos não devem ser desiguais no estado dos esposos. Veja-se o caso de Zoé. Os exemplos negativos abundam neste conjunto, de resto. Mulheres infiéis, causadoras de guerras ou conspiradoras também têm o seu lugar, num conjunto onde não deixam de pontuar modelos absolutos de virtude como o são as rainhas Santa Isabel e D. Catarina.

Passemos ao conjunto das *figuras mitológicas e/ou literárias clássicas*. Aqui, uma vez mais, consideram-se em primeiro lugar figuras da mitologia e literatura gregas, como o são os casos de Alceste (Vives, *IMC*, 1082, col. I e 1098, col. I),⁹³ Alcíone (Vives, *IMC*, 1082, col. II),⁹⁴ Alcmena (Vives, *IMC*, 1104; Andrada, *CP*, 84),⁹⁵ Andrómaca (Vives, *IMC*, 1080, col. II, 1085, col. II e 1100, col. II; *DM*, 1297, col. I, 1314, col. II; Rui Gonçalves, *PP*, 30),⁹⁶ Andrómeda (Vives, *IMC*, 1082, col. II),⁹⁷ Antígona (Andrada, *CP*, 199),⁹⁸ Atlanta (Rui Gonçalves, *PP*, 16),⁹⁹ Calipso (Vives, *IMC*, 1085, col. I),¹⁰⁰ Cassandra (Rui Gonçalves, *PP*, 7; Melo, *CGC*, 178),¹⁰¹ Circe (Vives, *IMC*, 1085, col. I; Luján, *CM*, 104),¹⁰² Clitemnestra (Andrada, *CP*, 115),¹⁰³ Helena (León, *PC*, 221, col. II; Vives, *DM*, 1262, col. II; Barros, *EC*, fol. 42v; Rui Gonçalves, *PP*, 30; Andrada, *CP*, 59, 81 e 84),¹⁰⁴ Hermíone (Vives, *IMC*, 1114, col. I),¹⁰⁵ Laodamia (Vives, *IMC*, 1082, col. I),¹⁰⁶ Marpessa (Vives, *IMC*, 1103, col. II),¹⁰⁷ Medeia (León, *PC*, 214, col. II; Vives, *DM*, 1264, col. II; Barros, *EC*, fol. 43r; Luján, *CM*, 104, 269 e 276),¹⁰⁸ Nausíca (Vives, *IMC*, 1098, col. II),¹⁰⁹ Penélope (Vives, *IMC*, 1085, col. I, 1098, col. I e 1133, col. I; *DM*, 1285, col. II

⁹³ Filha de Pélias e mulher de Admeto. Vives coloca-a ao nível de Penélope como exemplos de mulheres cuja virtude se afirma na fidelidade que mantiveram ante os infortúnios dos seus maridos.

⁹⁴ Filha de Éolo e mulher de Ceys. Decide não sobreviver ao seu marido e atira-se ao mar. É dada, pois, como exemplo de amor conjugal.

⁹⁵ Mulher de Anfitrião e mãe de Hércules. Vives transcreve as suas palavras da comédia homónima de Plauto em que ela identifica o seu dote com a sua virtude. Andrada menciona o episódio mitológico em que Júpiter se metamorfoseia em Anfitrião e desonra Alcmena para demonstrar que a honestidade da mulher, mesmo a das mais virtuosas, nunca está suficientemente bem guardada, correndo sempre grande perigo.

⁹⁶ A mulher de Heitor é referida em Vives como exemplo de mulher honesta, trabalhadora e amante do marido. Andrada refere-a como exemplo de mulher que foge da ociosidade.

⁹⁷ Filha de Cefeu, rei dos Etíopes, e mulher de Perseu. É referida por amar mais o marido do que os seus pais ou pátria.

⁹⁸ Filha de Édipo. Exemplo de consolo e sustento do seu pai.

⁹⁹ A rainha da Arcádia é referida pela sua fortaleza.

¹⁰⁰ Rainha da Ilha Ogígia apaixonou-se por Ulisses. Não exemplifica virtude alguma, antes é utilizada como contraponto de Penélope.

¹⁰¹ Filha de Príamo e de Hécuba. Apolo concedeu-lhe o dom da profecia. É referida por Rui Gonçalves como mulher douta.

¹⁰² Em Vives aparece como contraponto de Penélope. Por seu turno, Luján aponta-a como mulher que, apesar de feiticeira, desconhece as virtudes que devem pertencer ao género feminino.

¹⁰³ Mulher de Agamémnon e mãe de Orestes. Andrada salienta o facto de que Clitemnestra só foi infiel depois de o marido lhe ter sido a ela. Portanto, uma das causas do adultério é o facto de a mulher não se sentir amada pelo marido.

¹⁰⁴ Em León é mencionada como mulher trabalhadora. Em Vives aparece como mulher causadora de guerras e brigas domésticas. Em Rui Gonçalves é citada entre as mulheres que fogem à ociosidade. Em Andrada aparece como filha de pais adúlteros, o que é um precedente que a marca. É salientada a sua beleza como algo que faz perigar a honestidade.

¹⁰⁵ Referida por Vives como esposa de Cadmo, rei de Tebas. A esposa de Cadmo é, contudo, Harmonia e Hermíone é a filha de Helena e Menelau, mulher de Neptolemo e também de Orestes. Segundo Vives, o crédito que outorga às más mulheres fá-la separar-se do marido por ciúmes.

¹⁰⁶ Esposa de Protesilau, morto em Tróia. Inconsolável pela morte do marido, acompanha-o ao reino dos mortos, suicidando-se. É, portanto, um paradigma do amor conjugal.

¹⁰⁷ Esposa de Idas. Tendo que escolher entre o amor de Apolo e o de Idas escolhe o deste último. É o episódio narrado por Vives.

¹⁰⁸ Filha do rei Eetes da Cólquida. Por causa de Jasão a ter abandonado, assassinou os filhos. Para Vives o amor e o ódio que sentem os pais afecta ao amor pelos filhos. Em Luján aparece como mulher feiticeira que desconhece, como Circe, as virtudes da mulher exemplar.

¹⁰⁹ Filha de Alcínoo e Arete. Ulisses deseja-lhe uma vida de casada de concórdia e felicidade.

e 1314, col. II; León, *PC*, 221, col. 2; Barros, *EC*, fols. 29r e 48v; Rui Gonçalves, *PP*, 25 e 30; Andrada, *CP*, 36)¹¹⁰ e Pentesileia (Rui Gonçalves, *PP*, 16).¹¹¹ Por sua vez, do conjunto das figuras da literatura e mitologia romanas, conjunto pouco expressivo, e que inclui figuras da mitologia grega referidas pelo nome latino, destacam-se Dánae (Andrada, *CP*, 84),¹¹² Ceres (Rui Gonçalves, *PP*, 7),¹¹³ Dido (Luján, *CM*, 85; Andrada, *CP*, 102),¹¹⁴ Fauna (Vives, *IMC*, 1121, col. I),¹¹⁵ Juno (Vives, *IMC*, 1107, col. II e 1109, col. I; Andrada, *CP*, 1 e 187),¹¹⁶ Leda (Andrada, *CP*, 84),¹¹⁷ Minerva (Rui Gonçalves, *PP*, 15),¹¹⁸ a mulher de Panfilo (Vives, *IMC*, 1114, col. II),¹¹⁹ as Sabinas (Andrada, *CP*, 83)¹²⁰ e Vénus (Vives, *IMC*, 1107, col. II; León, *PC*, 239, col. II; Andrada, *CP*, 78, 84 e 167).¹²¹ Em relação ao conjunto das figuras históricas, neste grupo das figuras literárias encontramos *exempla* em muito menor número. Contudo, dele fazem parte figuras que são paradigmas do ideal feminino. Se as figuras históricas se considera estarem mais próximas do *tempo* humano, sendo, assim, modelos tangíveis e, conseqüentemente, mais imitáveis, os modelos mitológicos ou literários distanciam-se da realidade precisamente pelo seu carácter paradigmático. De entre todos sobressai o exemplo de Penélope, sem dúvida a figura virtuosa que se destaca dos conjuntos dos *exempla* da história e literatura gregas. Ela representou no imaginário ocidental, muito possivelmente, mais do que qualquer outra figura, a castidade e fidelidade ao marido. Mais ainda, é também a figura a quem simbolicamente está associada a virtude do trabalho doméstico e o ideal de mulher caseira que lhe está vinculado. O símbolo é o do pano que tecia enquanto esperou Ulisses, símbolo frequentemente relacionado pela

¹¹⁰ Mulher de Ulisses e mãe de Telémaco. Em Vives é destacada a sua fidelidade na ausência de Ulisses, mais também a sua docilidade para com o marido, que se transforma em soberba para com os pretendentes. Em León é louvada entre as mulheres trabalhadoras. Em Rui Gonçalves aparece como exemplo de fidelidade e fuga da ociosidade. Em Andrada é novamente destacada a sua fidelidade.

¹¹¹ Rainha das Amazonas. É citada entre as mulheres de grande fortaleza.

¹¹² Filha do rei Acrísio de Argos, Júpiter transforma-se em orvalho de ouro para possuí-la. Junto aos casos de Alcmena e Leda, o de Dánae é mostrado como exemplo de honestidade feminina enganada por Júpiter. Assim a honestidade da mulher, por muito bem guardada que seja, está sujeita ao perigo.

¹¹³ Citada como mulher doura por ter sido a primeira pessoa em saber cultivar os campos.

¹¹⁴ Rainha de Cartago. Em Andrada, viúva de Siqueu e pretendida por Hiarbas, para evitar um segundo matrimónio Dido suicidase.

¹¹⁵ Um dos nomes possíveis da deusa *Bona Dea*. Uma das versões do mito romano, aquela que Vives refere, considera-a mulher de Fauno. Segundo Vives, não conheceu outro homem a não ser o seu esposo.

¹¹⁶ Deusa romana patrona dos matrimónios. Vives narra como Júpiter não lhe contava os seus segredos. Em Andrada aparece como mulher enganada e ciumenta de Júpiter, procurando vingar-se das amantes do deus.

¹¹⁷ Esposa de Tíndaro, amada por Zeus metamorfoseado em cisne. É um novo exemplo dos perigos que se colocam à honestidade da mulher.

¹¹⁸ Apontada pela sua fortaleza.

¹¹⁹ Esposa de Panfilo, personagem da *Hecyra* de Terêncio. O seu marido, Panfilo, volta à sua mulher depois de ter uma amante chamada Baquis. Com este episódio Vives pretende ilustrar como o marido sempre volta à mulher se ela sofrer com paciência a afronta.

¹²⁰ São apresentadas pelo autor como donzelas “de muito honestos e louváveis costumes.”

¹²¹ Para Vives, Vénus simboliza a doçura que a mulher deve trazer para o matrimónio e com a que tem de conquistar o marido, “pues no hay cosa que con más poderío atraiga y conquiste la voluntad de una persona como la dulzura del trato y de la conversación.” León utiliza a imagem da Vénus tartaruga e estabelece um paralelismo entre este animal, mudo e que nunca abandona a sua casa, com a mulher, que em geral tem tais obrigações. Esta mesma imagem clássica é referida por Andrada: “Pintavam os antigos a deusa Vénus com os pés em cima de um cágado, e a razão era, porque como este animal, por não ter voz nenhuma, nem sair nunca, ou poucas vezes do lugar, em que está posto, era símbolo do silêncio, e recolhimento, queriam que as mulheres significadas pela imagem de Venus, se lembrassem, que tinham obrigação de andar pouco, e falar menos.” Mas Andrada também não deixa de se referir à deusa como paradigma da formosura, da juventude e do amor.

moralística ao trabalho doméstico, a única tarefa considerada decorosa para a mulher. Na verdade, esta imagem sintetiza bem as duas virtudes que estão associadas à figura.

Consideremos, agora, o conjunto das *figuras bíblicas e hagiográficas*. A tradição judaico-cristã forneceu imagens importantes mas, nos textos em causa, em muito menor número que a tradição clássica greco-latina. Encontramos mulheres do *Antigo* e do *Novo Testamento*. Predominam, claro, as mulheres do Antigo Testamento. Neste grupo os autores procuram sobremaneira modelos de virtude, o que não podemos dizer dos anteriormente considerados. Eis o conjunto das figuras referidas: Abigail (Rui Gonçalves, *PP*, 7; Andrada, *CP*, 47),¹²² Ana (Vives, *IMC*, 1138, col. II),¹²³ Atalía (Rui Gonçalves, *PP*, 15),¹²⁴ Dalila (Barros, *EC*, fol. 30r),¹²⁵ Débora (Vives, *IMC*, 1124, col. II; Rui Gonçalves, *PP*, 7),¹²⁶ Eva (Vives, *IMC*, 1077, col. I e 1080, col. II; *DM*, 1265, col. II; 1266, col. II; 1271, col. I; 1296, col. II; 1301, col. II e 1332, col. I; Barros, *EC*, fol. 24r; Luján, *CM*, 70),¹²⁷ Isabel (Vives, *IMC*, 1123, col. II; *DM*, 1317, col. I),¹²⁸ Jael (Rui Gonçalves, *PP*, 15),¹²⁹ Judite (Rui Gonçalves, *PP*, 15),¹³⁰ Lia (Barros, *EC*, fol. 44v),¹³¹ Mariane (Andrada, *CP*, 26),¹³² Marta e Maria (Vives, *IMC*, 1096, col. II),¹³³ as mulheres de Job e Tobias (Vives, *IMC*, 1089, col. I),¹³⁴ a rainha do Sabá (Rui Gonçalves, *PP*, 19),¹³⁵ a mãe de Sansão (Vives, *IMC*, 1138, col. II),¹³⁶ Raquel (Vives, *DM*, 1317, col. II; Barros, *EC*, fols. 41v. e 44v),¹³⁷ Rebeca (Vives, *IMC*, 1111, col. II e 1138, col. II; *DM*, 1314, col. II; Luján, *CM*, 70; Rui Gonçalves, *PP*, 26),¹³⁸ Rute (Vives, *IMC*, 1153, col. I),¹³⁹ Sara (Vives, *IMC*, 1087, col. I, 1138,

¹²² Mulher de Nabal e esposa de David. Em ambos, Abigail é citada como exemplo de saber e prudência.

¹²³ Esposa de Joaquim e mãe da Virgem Maria. Uma outra Ana, mulher de Helcana, é referida nas páginas 1137, col. I e 1138, col. I e no *DM*, 1350, col. I. Trata-se de uma mulher estéril que, com súplicas e lágrimas a Deus, concebe um profeta para Israel.

¹²⁴ Rainha de Judá casada com Jarão. É paradigma de fortaleza.

¹²⁵ Mulher de Sansão. É exemplo de como a mulher não sabe guardar segredos.

¹²⁶ Profetisa israelita, mulher de Lapidot, da tribo de Efraim. Resolveu durante a sua vida muitos litígios entre os israelitas. Segundo Vives, ajudou o povo de Israel não tanto com conselhos, mas antes com jejuns e orações. Rui Gonçalves inclui esta figura entre as mulheres exemplares pelo seu saber.

¹²⁷ Eva representa para Vives o paradigma de companheira que toda a mulher é para o marido, pois como a primeira mulher da terra o foi para Adão, a casada é “hija, hermana, compañera y esposa” do marido. Refere o facto de Eva ter sido criada a partir do próprio corpo de Adão para mostrar como o terem os casados a mesma natureza é fundamental para a felicidade da união conjugal. Não se esquece Vives de referir que Eva foi criada para prover a solidão de Adão, função que entende ser a de todas as mulheres. Em Barros e Luján Eva aparece juntamente com Adão para justificar a valorização do matrimónio, instituído por Deus.

¹²⁸ Esposa de Zacarias. Para Vives demonstra o pudor que acompanha a castidade.

¹²⁹ Mulher israelita, esposa de Haber Cineu. Cravou um prego na cabeça de Sísara, general do rei de Canaã, quando este, derrotado na batalha, procurou refúgio na tenda de Jael. Em Rui Gonçalves entra no grupo das louvadas pela sua fortaleza.

¹³⁰ Mulher israelita, esposa de Haber Cineu. Cravou um prego na cabeça de Sísara, general do rei de Canaã, quando este, derrotado na batalha, procurou refúgio na tenda de Jael. Em Rui Gonçalves entra no grupo das louvadas pela sua fortaleza.

¹³¹ Primeira mulher de Jacob. Já velha e não podendo dar-lhe mais filhos pede-lhe que os tenha de uma criada. Forma parte, portanto, das mulheres sofridas que aceitaram a infidelidade dos maridos, de resto criticadas em Barros.

¹³² Rainha de Judéia e mulher de Herodes o Grande. É louvada por Andrada por se opor ao marido quando considerava que cometeu um erro, mesmo que esse gesto lhe custasse caro.

¹³³ Irmãs da Betânia, cuja casa Jesus Cristo costumava frequentar.

¹³⁴ São exemplos negativos de mulheres que criticavam nos momentos de desgraça os bons costumes dos maridos.

¹³⁵ Ofereceu produtos do seu país a Salomão. É exemplo de magnanimidade e liberalidade.

¹³⁶ Mulher de Manué. Estéril, concebeu Sansão por intervenção divina. É dada como novo exemplo bíblico de mulher estéril que concebe, utilizado por Vives para mostrar às mulheres estéreis que há que ter confiança na graça divina.

¹³⁷ Filha de Labão e primeira mulher desejada por Jacob. Vives salienta o respeito existente entre ela e Jacob durante o noivado. Barros comenta como ele esteve quatorze anos à espera do casamento, pelo amor que lhe tinha. Noutra oportunidade, narra como não podendo ter filhos, Raquel roga ao marido que tome Bala, a criada.

¹³⁸ Mulher de Isaac. Vives refere o seu pudor diante de quem ia ser o seu esposo, assim como a esterilidade que conseguiu vencer. Luján considera-os um matrimónio de “justos,” enquanto Rui Gonçalves os cita como exemplo de amor conjugal.

¹³⁹ Mulher de Booz, mãe de Obed. Vives destaca o amor que tinha pela sua sogra à que consolava e mantinha com o seu trabalho.

col. II e 1156, col. II; *DM*, 1314, col. II, 1315, col. II e 1351, col. I; Barros, *EC*, fols. 41v., 43v.-44r; Luján, *CM*, 70 e 102; Rui Gonçalves, *PP*, 10),¹⁴⁰ Semíramis (Rui Gonçalves, *PP*, 15)¹⁴¹ e Tamar (León, *IMC*, 237, col. I).¹⁴² Salientem-se alguns aspectos específicos deste conjunto. Em primeiro lugar, o facto de mulheres como Ana, Rebeca e Sara mulher de Abraão, serem realçadas em virtude de, por intervenção divina, terem concebido. Dos autores abordados, foi sobretudo Lluís Vives, mas muitos outros moralistas o fizeram no século XVI, quem se mostrou preocupado com o tema da esterilidade dos casais (Fernandes, 116-18).

No que respeita as figuras hagiográficas femininas que são referidas, nomeadamente as santas Águeda (Vives, *DM*, 1314, col. II; Barros, *EC*, fol. 48r),¹⁴³ Apolónia (Vives, *DM*, 1314, col. II),¹⁴⁴ Bárbara (Vives, *DM*, 1314, col. II),¹⁴⁵ Catarina (Vives, *DM*, 1314, col. II),¹⁴⁶ Godolina (Vives, *DM*, 1314, col. II),¹⁴⁷ Inês (Vives, *DM*, 1314, col. II),¹⁴⁸ Margarida (Vives, *DM*, 1314, col. II),¹⁴⁹ Mónica (Vives, *DM*, 1314, col. II),¹⁵⁰ Sofia (Vives, *IMC*, 1145, col. I)¹⁵¹ e Úrsula (Andrada, *CP*, 142),¹⁵² o seu número é, como se pode constatar, muito reduzido. Apenas Lluís Vives elabora um pequeno catálogo de santas que recomenda sejam modelo da mulher casada. Andrada, por seu turno, refere somente uma, Santa Úrsula, cuja vida desenvolve mais do que qualquer outra. Nenhum dos outros moralistas refere santas. A ausência de modelos hagiográficos entende-se em função da natureza do textos em análise: textos vocacionados para o matrimónio, pouco ou nada aproveitam de vidas de virgindade, celibato e ascese cenobítica ou anacorética. As figuras hagiográficas ilustraram predominantemente as virtudes da devoção e da caridade. A este conjunto não estão associadas virtudes como o amor conjugal ou a fidelidade, por razões óbvias. As virtudes da devoção e da caridade só as encontraremos alternativamente no conjunto das mulheres da história medieval e moderna. Nem mesmo o conjunto das mulheres bíblicas as ilustra. Se tivermos em conta o número muito inferior a outros conjuntos que é o das biografias de santas, concluímos a importância e valor relativo destes *exempla* nos textos de moralística matrimonial que tivemos em conta.

¹⁴⁰ Mulher de Abraão e mãe de Isaac. Uma outra Sara, mulher de Tobias é referida por Vives, *DM*, 1318, col. I. Para Vives, Sara, mulher de Abraão, é exemplo de mulher que respeita o marido, que concebe por intervenção divina depois de ter sido estéril e que se destaca pelo seu saber e conselho, aspecto também realçado por Rui Gonçalves. Barros refere como ela oferece a escrava Agar a Abraão (*sic*) quando ela já não pode ter filhos, e destaca, de novo, o respeito pelo marido, a quem chama “senhor.” O mesmo conta Luján, considerando Sara e Abraão como um matrimónio de justos.

¹⁴¹ Mulher de Nino rei da Assíria. É referida pela fortaleza.

¹⁴² No *Génesis*, depois da morte de dois maridos tem relações com o sogro, disfarçando-se de meretriz, assegurando a linhagem de Judá. León refere como as vestes de Tamar fizeram que Judas a considerasse prostituta e a forçara.

¹⁴³ Mártir a quem arrancaram os seios. Esta e as seguintes santas são referidas por Vives como modelos de virtude que as mulheres podem imitar.

¹⁴⁴ Mártir que se imolou afirmando assim a sua virtude.

¹⁴⁵ Mártir filha de Dióscoro. Mulher cuja exemplaridade os séculos consagraram e, por essa razão, deve ser utilizada pelo marido para educar a mulher.

¹⁴⁶ Existiram várias Catarina: de Alexandria, de Sena, de Génova, de Ricci. É difícil saber a qual delas se refere Vives.

¹⁴⁷ Deve tratar-se de Santa Gúdula ou Gudélia, natural da Bélgica, filha do conde da Austrásia, Witger. Levou uma vida de caridade e penitência. Foi venerada por Carlos Magno.

¹⁴⁸ Natural de Salerno, morreu virgem e mártir aos treze anos.

¹⁴⁹ Natural de Antioquia, ante o seu desejo de ficar virgem, foi expulsa de sua casa, e depois de cuidar gado, foi presa e martirizada.

¹⁵⁰ Mãe de Santo Agostinho. O seu exemplo, considera Vives, move o espírito das mulheres à virtude.

¹⁵¹ Viúva cristã romana, mulher de um senador de Milão. Foi martirizada juntamente com as filhas.

¹⁵² Virgem e mártir, de família nobre inglesa. Segundo a tradição, formou parte das onze mil virgens martirizadas no decorrer de uma peregrinação a Roma. Andrada apresenta a santa como mulher de Eutério e é um dos exemplos de mulher cujo marido permitiu o exercício de obras devotas.

Num conjunto sem dúvida restrito, o das *mulheres dedicadas à poesia, filosofia, etc.*, as referências resumem-se a Cleobulina (Vives, *DM*, 1314, col. II e 1276, col. I),¹⁵³ Joana Vaz (Barros, *EC*, fol. 46r),¹⁵⁴ Lésbia (Rui Gonçalves, *PP*, 7),¹⁵⁵ Safo (Rui Gonçalves, *PP*, 7; Andrada, *CP*, 73),¹⁵⁶ Sulpícia (Vives, *IMC*, 1305, col. I)¹⁵⁷ e Teana (León, *PC*, 241, col. I).¹⁵⁸ Trata-se de mulheres que são destacadas pelas suas virtudes intelectuais e cuja exemplaridade deve ser relativizada. É uma exemplaridade que entra em conflito com as reservas da moralística quanto ao exercício das faculdades intelectuais na casada. Entendemos a inclusão destas mulheres na moralística matrimonial como excepções dentro do sexo feminino cujo louvor e celebração não passa pela imitação no sentido que a entendemos para as virtudes morais e domésticas. Chamamos a atenção, neste sentido, para o facto de algumas destas figuras não serem referidas pelo intelecto mas por ilustrarem atributos da mulher casada, como é o caso de Cleobulina.

Identificámos um outro conjunto de *figuras femeninas próximas dos moralistas e familiares de poetas, filósofos, etc.* A relação de proximidade entre o moralista e uma determinada mulher, seja por afinidade familiar, dependência mecenática ou amizade, dita o elogio e o louvor. Necessidade de protecção ou afecto determinam a imagem da mulher projectada através destas figuras. É, de qualquer forma, um grupo muito restrito. Eis as que mais se destacam: Arquite (Andrada, *CP*, 77),¹⁵⁹ a mulher do poeta Ausónio (Andrada, *CP*, 37),¹⁶⁰ Blanca March (Vives, *IMC*, 1099; *DM*, 1314, col. II),¹⁶¹ Cláudia (Andrada, *CP*, 35),¹⁶² Damo (Vives, *IMC*, 1080, col. I),¹⁶³ Fabiola (Barros, *EC*, fol. 46r)¹⁶⁴, Faustina (Vives, *DM*, 1292, col. I; Andrada, *CP*, 69),¹⁶⁵ Hélvia (Vives, *DM*, 1310, col. II),¹⁶⁶ Hipácia (Vives, *DM*, 1314, col. II),¹⁶⁷ Hipárquia (Vives,

¹⁵³ Poeta e filósofa grega, filha do também filósofo Cleóbulo. Para Vives é uma mulher que deve ser proposta como modelo à casada.

¹⁵⁴ Natural de Coimbra, filha do licenciado João Vaz. Dominava o grego, o latim e o hebraico. D. Manuel I chamou-a para a Corte. Exemplo de mulher doura.

¹⁵⁵ Nome que Catulo celebra e que corresponde a Clódia, mulher casada com quem teve uma relação amorosa. Rui Gonçalves apresenta-a como mulher doura.

¹⁵⁶ A poeta é filha de Scamandronimus e Cleis de Lesbos. Rui Gonçalves apresenta-a como mulher doura. Andrada considera-a mulher precavida por ter recusado, já velha, uma relação com um jovem que a pretendia.

¹⁵⁷ Celebrada por Marcial por ser autora de poesia sobre o amor casto. É celebrada por Vives como mulher casta e doura.

¹⁵⁸ Mulher ou filha de Pitágoras. De qualquer forma, uma das mulheres discípulos de Pitágoras. Ganhou muita fama pelas suas capacidades intelectuais. León cita uma sua frase em que diz que o lugar próprio da mulher é a casa.

¹⁵⁹ Sófocles, já velho, quis casar com ela, muito mais jovem, pelo que foi muito criticado. Serve, portanto, como exemplo de casamento desigual.

¹⁶⁰ Matrimónio honesto e feliz.

¹⁶¹ Mãe de Lluís Vives. É o único caso em que um dos moralistas cita um familiar tão próximo. Blanca March é dada por Vives como modelo de mulher casada, pela sua obediência e concórdia em relação ao marido.

¹⁶² Mulher do poeta Estácio, que confiava plenamente na sua honestidade.

¹⁶³ Filha de Pitágoras. Sendo-lhe colocada a questão: em que circunstâncias é pura a mulher que trata com um homem?, respondeu que apenas o é quando trata com o marido, e nunca com outros homens.

¹⁶⁴ Romana cristã da família dos Fábios. Seguidora de S. Jerónimo. Recordada pela caridade e filantropia. É lembrada por Barros pela sua sabedoria.

¹⁶⁵ Mulher do filósofo Marco Aurélio e filha de Antonino Pio. Segundo ambos autores, Marco Aurélio não repudiou a sua mulher adúltera para não perder o império.

¹⁶⁶ Mãe de Séneca. O filósofo diz a Hélvia, sua mãe, como a erudição e sabedoria são necessárias à mulher para fugir das baixas paixões.

¹⁶⁷ Filha do matemático Téon de Alexandria. Conhecidora da matemática, astronomia e filosofia. É um dos exemplos de mulheres sábias que devem ser imitados pela esposa.

DM, 1276, col. I e 1348, col. II),¹⁶⁸ Híspula (Vives, *IMC*, 1074, col. II e 1146, col. II),¹⁶⁹ Laura (Barros, *EC*, fol. 20v),¹⁷⁰ Marcela (Barros, *EC*, fol. 46r),¹⁷¹ Márcia (Rui Gonçalves, *PP*, 25),¹⁷² Margarida de Valois,¹⁷³ Paulina (Vives, *IMC*, 1082, col. I; Barros, *EC*, fol. 29r; Luján, *CM*, 108; Rui Gonçalves, *PP*, 28),¹⁷⁴ Policrata (Barros, *EC*, fol. 46r)¹⁷⁵ e Xantipa (Vives, *IMC*, 1117, col. I; *DM*, 1343, col. I). Neste grupo sobressaiem Blanca March, mãe de Lluís Vives e Margarida de Valois, por quem D. Francisco revela na *Carta* um respeito e consideração notáveis.

Por último, destaco um conjunto a que chamarei de *vozes femininas anónimas*. Este é o grupo que marca a diferença da *Carta de Guia de Casados*. Como dissemos no início, D. Francisco rejeita a “enciclopédia” de figuras clássicas. Mas para as substituir por mulheres com que privou, que conheceu ou simplesmente “viu e ouviu,” e de quem transcreve, frequentemente, palavras e ditos *engenhosos*. Embora mantidas no anonimato, a voz destas mulheres introduz-se no seio do discurso da *Carta*. Mais adiante apresento os casos mais significativos.

Uma leitura atenta desta listagem mostra-nos que cada um dos nossos moralistas adequou os *exempla* aos objectivos das suas obras. Herdeiros de uma imagem genérica da mulher nas diferentes tradições, clássica, grega e latina, e judaico-cristã, moldam as suas figuras segundo o argumento que pretendem veicular. Assim, o caso extremo da “moldagem” a que me refiro é o de certas figuras que são mencionadas num autor por atributos positivos e que, noutro, o são por atributos negativos. Confrontar os vários autores e textos pode revelar-se bastante útil para o conhecimento da forma como a modernidade recebeu e transformou a herança clássica de *exempla*. Remeto, por isso, para as notas dos inventários apresentados.

Neste momento, limitar-me-ei a apontar os casos mais significativos e que ilustram alguns dos processos divergentes na utilização dos *exempla* pelos nossos moralistas. Há que ter presente, neste sentido, que a convergência ou divergência poderão denunciar, antes de tudo, o recurso a uma mesma fonte ou, pelo contrário, fontes diferentes. No entanto, não sendo intenção neste lugar a explicitação das fontes das várias obras do *corpus*, aproveito a variedade de processos de apropriação das figuras exemplares para mostrar como essa variedade se articula com a especificidade de cada tratado. É uma forma de distinguir os diferentes textos, acrescentando elementos para as suas especificidades.

Muitas das figuras femininas exemplares, quando referidas simultaneamente por vários autores, são celebradas pela mesma virtude. Tal é o caso de Abigail que em Gonçalves e Andrada é referida pelo seu saber e prudência. Também Laodice é referida como um caso de ciúmes por Barros e Andrada. Verifica-se unanimidade, ainda, quanto à vida de Cornélia, exemplo em Vives, Luján e Andrada, do amor conjugal.

¹⁶⁸ Mulher de Crates de Tebas, filósofo cínico, e irmã de Metrocles. É destacada por Vives pelo amor que o marido lhe professava.

¹⁶⁹ Tia da mulher de Plínio, o Jovem. Este agradece-lhe o ter-lhe dado tão boa esposa.

¹⁷⁰ A conhecida amada de Francisco Petrarca, recordada precisamente por este facto.

¹⁷¹ Romana cristã de família rica, impressionou Roma pela vida cenobítica que levava. A conselho de S. Jerónimo interpretou e ensinou as Sagradas Escrituras. Citada por Barros pela sua sabedoria.

¹⁷² Filha de Varrão, pintora e escultora. Representa a honestidade, pois não pintava nus de homens.

¹⁷³ Esposa de Filipe III, mãe de Filipe IV. D. Francisco chama-lhe “a mais discreta mulher de nossos tempos.”

¹⁷⁴ Mulher de Séneca. Contam todos os autores como Paulina cortou as veias depois da morte de Séneca, tendo ainda assim sobrevivido. Andrada, *CP*, 176 cita uma romana chamada Paulina que fazia frente ao marido.

¹⁷⁵ Irmã de Pitágoras. Citada pelo seu saber. Em Barros é dada como filha do filósofo.

Outras porém são celebradas por motivos diferentes. Por exemplo, Penélope, em Vives louvada pela sua docilidade e fidelidade a Ulisses, é, em Fr. Luis de León, referida como mulher diligente e trabalhadora. A fidelidade de Penélope é também aproveitada por Gonçalves e Andrada. Apesar das divergências nas qualidades relevadas, há unanimidade quanto ao carácter virtuoso desta figura.

Noutros casos, ainda, uma mesma figura pode encarnar aspectos positivos ou negativos, em função do autor que a trate. Os casos mais significativos são os de Helena e Cleópatra. Helena, para Gonçalves e León, é um *exemplum* positivo: para o primeiro é exemplo de trabalho; para o segundo o de uma mulher que foge à ociosidade. Já para Vives e para Andrada, trata-se de um *exemplum* negativo: para o primeiro é exemplo de uma mulher que provoca guerras, no que segue uma visão tradicional desta figura feminina; para o segundo, é exemplo da beleza que coloca em perigo a honestidade, uma ideia também transmitida pela tradição. Quanto a Cleópatra, se para Luján exemplifica um amor amaldiçoado, em Gonçalves encontramos-la como exemplo de fortaleza e liberalidade.

Por último, deparamos com casos de unanimidade quanto ao carácter negativo de uma figura, ainda que não expresso da mesma forma. É o caso de Circe, em Vives citada como mulher que do ponto de vista moral se opõe por completo a Penélope, e, em Luján, como mulher que desconhece inteiramente as virtudes que pertencem ao género feminino.

Os nossos moralistas não conferem todos um peso idêntico aos *exempla* nas suas obras. Este peso depende fundamentalmente do modelo global de conduta feminina que cada um deles pretende elaborar, dos grupos receptores para que se vocaciona e do próprio conceito de pedagogia que cada um possui.

Os moralistas do Renascimento continuam o sincretismo escolástico dos pensamentos cristão e clássico. Assim, um dos pontos fundamentais é o da adequação dos modelos femininos clássicos à forma genérica cristã de conceber a mulher. Vives, por exemplo, reconhece o mesmo sentido de virtude das mulheres cristãs nas “profanas y gentiles” (*IMC*, 1079, col. II) no que respeita a defesa da honestidade. É no contexto do sincretismo de valores que atravessa o humanismo que entendemos a coexistência de figuras femininas cristãs e da antiguidade clássica. O autor da *Instrucción de la mujer cristiana*, reconhecendo a abundância de exemplos clássicos para cada um dos vários preceitos morais (*IMC*, 1081, col. I), não se excusa a remeter para a exemplaridade de mulheres do seu tempo (*IMC*, 1081, col. II). Ainda que conceba que os tempos modernos “sólo acostumbran guardar el recuerdo de los vicios de las edades anteriores” (*IMC*, 1092, col. II), nele encontra mulheres dignas de menção. Ambas devem continuar na memória “para renovar y avivar en las casadas el recuerdo de sus deberes” (*ibid.*).

Ainda assim, os exemplos da antiguidade são preferidos por este moralista. Mesmo as figuras literárias, nomeadamente das “fábulas” homéricas, foram, como observa, “fantaseadas por el más ingenioso de los vates para adoctrinamiento y espejo de la vida humana” (*IMC*, 1085, col. I). Estes espelhos da vida humana valem, também, pela marca da autoridade que os cria ou transmite (*IMC*, 1082, col. II).

O texto de Antonio de Guevara a que também tenho vindo a fazer referência, a “Letra a Mosén Puche,” não é representativo do apoio na erudição clássica de toda a sua obra, onde

abundam os lugares comuns e as figuras da antiguidade.¹⁷⁶ O seu *Marco Aurélio*, por exemplo, serviu mesmo de fonte de *exempla* para outros autores, de que é exemplo o nosso Rui Gonçalves. Contudo, na “Letra,” Guevara faz apenas referência a Lucrécia (*EF*, I, 55, 388). O texto é todo ele muito sentencioso. Não pretende fazer doutrina, apenas aconselhar um jovem casal, pelo que os conselhos são claros e simples, dispensando reflexões morais mais elaboradas. O pragmatismo e tom sentencioso, aliados a um registo intimista e directo, que permitem evitar a abundância de referências clássicas, aproxima-o da *Carta de Guia de Casados*.

Por seu turno, nas obras do Dr. João de Barros e de Pedro de Luján, a presença de *exempla* é tão significativa quanto em Vives. Tratando-se ambos de compiladores, as suas obras trazem os exemplos dos textos que lhes serviram de fonte. Contudo, no caso de Barros, em relação à obra que lhe serviu de base, verifica-se o esforço de acrescentar mais figuras, procurando outras fontes (Asensio, 279 e 283).

Quanto aos *Privilégios e Prerrogativas* de Rui Gonçalves, mais concretamente na sua primeira parte, é a obra que de forma mais sistemática e tabular apresenta os *exempla* femininos cujas biografias, de resto, são pouco ou nada exploradas. Para cada uma das prerrogativas morais que vai considerando (recordo: doutrina, saber, conselho, fortaleza, devoção e temor a Deus, liberalidade, clemência e misericórdia, castidade e ociosidade) elabora um elenco de mulheres que ilustram a superioridade do género feminino em relação ao masculino. São nomes de notáveis que ilustram a tese da igualdade e mesmo superioridade moral da mulher, que é o pretendido objectivo “feminista” da obra. A ilustração de cada prerrogativa com exemplos obedece a um mesmo esquema: o autor começa por enunciar a sua tese, ilustra-a com exemplos de mulheres, sobretudo da antiguidade clássica e da bíblia, e conclui com o encómio a Dona Catarina, a quem a obra é dedicada como sabemos, mulher que considera ser quem encarna todas as virtudes no mais elevado grau de perfeição.

No que se refere a Fr. Luis de León, recorre a muito poucos exemplos em *La perfecta casada*. Foi bastante selectivo, destacando-se apenas Penélope e Isabel a Católica. Creio que a razão desta ausência poderá ser explicada, entre outras razões, pela própria forma como a obra se estrutura. Recordemos que cada capítulo interpreta versículos do capítulo XXXI dos *Provérbios* de Salomão. Esses versículos são, na verdade, as autoridades e os fundamentos do modelo de esposa cristã que constrói (Fernández García 309).

Já no que diz respeito a Diogo Paiva de Andrada, este moralista confessa no prefácio do *Casamento Perfeito* ter recorrido à “erudição alheia” dos Antigos para “suprir os defeitos da própria” (*CP*, xxxii). A sua obra contrasta de forma evidente com a *Carta de Guia* neste recurso às autoridades clássicas. Cada capítulo do *Casamento Perfeito* segue o esquema de Vives e de Rui Gonçalves: o moralista começa por apresentar o seu argumento principal para depois o ilustrar com *exempla*. Andrada distancia-se de Gonçalves, contudo, no muito maior desenvolvimento das vidas das mulheres notáveis. Algumas ocupam mesmo uma ou várias páginas.

Um dado importante na sua utilização dos exemplos é o número de mulheres apresentado pender francamente para as mulheres positivas, isto é, virtuosas, ou que pelo menos representem

¹⁷⁶ “El conjunto de sus libros tiene en realidad el carácter de una vasta miscelánea, atiborrada de información curiosa (gran parte de ella inventada por el propio Guevara), embelleciendo narraciones y *sententiae* de los autores antiguos, consejos, preceptos y ejemplos que abarcan un amplio repertorio de experiencias humanas, todo ello en un estilo cuya afectada artificiosidad mantuvo a varias generaciones de lectores fascinados por los siempre ocurrentes discursos y homilias de Guevara” (Jones 39).

uma virtude. É uma proporção que se verifica em todos os outros moralistas. Andrada, no entanto, deixa transparecer num comentário o porquê, quando trata as mulheres desonestas e de ruins costumes: “Não faltam sobre este particular alguns exemplos na histórias, porém, não é justo referir tantos de mulheres mal advertidas, quando sem comparação os há mais copiosos das que honraram, e espantaram o mundo com raros prodígios de honestidade” (60).

Recordemos que estes autores pretendem construir imagens de um casamento perfeito e, conseqüentemente, de uma mulher perfeita. Logo, os *exempla* apresentados devem ser reflexo dessa perfeição. Neste sentido são figuras que trazem achegas para o retrato da mulher ideal. Os exemplos dissonantes, os anti-modelos, são imagens distorcidas a que o próprio pudor da escrita limita o número.

Na verdade, Andrada concebe os exemplos de mulheres notáveis mais do que simples complementos dos seus argumentos. Segundo este moralista a “fama” trouxe-os, através do tempo, até aos seus contemporâneos (11) num autêntico “pregão” que serve dois objectivos. Em primeiro lugar a notabilidade e credibilidade dessa fama funda a legitimidade do seu próprio modelo moral. Em segundo lugar, os *exempla* confirmam e certificam as opções morais já tomadas pelas possíveis leitoras (71). Com tudo isto, referir e remeter para os exemplos é uma forma também de os “celebrar” e perpetuar a sua memória (150).

A história literária tem insistido com frequência no carácter racional, abstracto e dedutivo do *Casamento Perfeito*.¹⁷⁷ Contudo, aos seus processos argumentativos não é de todo alheio ao valor da “experiência” pessoal.¹⁷⁸ Diogo Paiva de Andrada não encontra só na história do tempo antigo e do moderno mulheres cujas vidas são dignas de registo. Encontra-as também, no tempo que lhe é coevo. Num determinado passo protesta: “Mas para que nos cansamos em buscar exemplos do tempo antigo, quando neste, em que vivemos, se podem achar mais facilmente de não menos espanto e desventura?” (CP, 39), para depois referir um caso que envolve duas mulheres castelhanas, que mantém no anonimato. Noutros passos, por outro lado, não deixa de invocar explicitamente a “experiência” para corroborar as autoridades (69, 99) que não deixam de ser o principal fundamento do texto.

Um outro dado importante na obra de Andrada é o recurso a exemplos de portuguesas que recentemente haviam sido catalogadas por Frei Luis dos Anjos no *Jardim de Portugal*. É certo que em Andrada predominam as mulheres da história clássica. Contudo, esta remissão para o *Jardim de Portugal* indicia uma tendência progressiva na moralística para o recurso à exemplaridade das mulheres da história contemporânea. A obra de Frei Luis dos Anjos é neste sentido significativa. O esquema que segue é o de um catálogo clássico de mulheres; a diferença fundamental é a de que as mulheres recolhidas são todas portuguesas. O autor define assim os seus objectivos: “Pois quem entrar neste jardim, de todo o genero de virtudes & perfeições poderá colher flores, nascidas em o mesmo campo, & das mesmas plantas Portuguesas, cõ que aos naturais seruirão de domesticos exemplos, & às mais nações de admiração, & espanto” (xi).

¹⁷⁷ “Inspira-se esta obra na psicologia racional e abstracta; a sua exposição é dedutiva; alheios à observação e à experiência são os argumentos que aduz; documenta-se na autoridade dos antigos e em casos registrados por eles.” E, ainda, comparando o *Casamento Perfeito* com a *Carta*: “A maneira de conceber o matrimónio não difere, mas a sua exposição é que tem um cunho de realidade concreta, que falta inteiramente a Andrada” (Figueiredo 269-70).

¹⁷⁸ Este mesmo facto é notado por Martins, 188-89: “Mais tarde, em 1630, apareceu o *Casamento Perfeito* de Diogo Paiva de Andrade, e também ele nos cansa com a farragem erudita das Júlias, das Pórcias e das Lucrécias. Contudo, nem sempre é assim e revela, aqui e além, o sentido da experiência.”

Não será significativo que, no contexto histórico que Portugal vive em 1624, data da primeira publicação da sua obra, pela catalogação/celebração das mulheres nacionais se procure isolar e dar forma a uma mitologia histórica das portuguesas? Anjos quer mostrar, seja como for, que “às mais nações” as “flores” portuguesas sempre serviram de exemplo. De qualquer forma, o propósito moralizador sobrepõe-se, “louvar virtudes, pera que sejam imitadas, & condenar vícios, pera que sejam aborrecidos” (xiv-xv), um objectivo que concorda com o da presença dos *exempla* na moralística.

A referência a uma mulher anónima que o autor conheceu ou de quem ouviu falar encontramos-la em quase todas as obras. Desde Vives a Andrada, os moralistas apresentam pequenas histórias de mulheres suas contemporâneas de quem ouviram falar ou a quem ouviram falar. No entanto, este recurso não é significativo, antes esporádico.

Seguindo a lição da retórica e oratória clássicas, o *exemplum* serve o propósito de intervenção pedagógica dos moralistas: a tratadística matrimonial visa, pela exemplificação, uma melhor adequação da sua moral à realidade pelo que estabelece uma relação analógica entre um determinado preceito, axioma ou conselho e uma imagem, isto é, uma figura. Esta imagem ou figura singulariza o âmbito geral de um conceito moral, o que facilita a compreensibilidade do texto e estimula, no leitor ou leitora, a disponibilidade para a imitação de determinada conduta. Através do *exemplum* procura-se de uma forma mais eficaz impressionar o espírito do leitor (*Orator*, 131-32 e *Institutiones Oratoriae*, IX, 1,13). Assim, consideramos, como primeira função, a função *persuasiva* (Lausberg, § 349).

Por outro lado, o *exemplum* é um elemento fundamental na estruturação lógica do discurso moralístico. Enquanto domínio mais finito do símile, pois assenta no estabelecimento de uma relação comparativa entre um conceito e uma imagem (Lausberg, §400, 404-06), como referimos, é, também, uma prova que reforça, confirma ou infirma um determinado postulado moral. O exemplo funciona, assim, como uma autoridade que verifica e legitima um determinado preceito moral (*Institutiones Oratoriae*, V, 11, 1). O predomínio de exemplos históricos converge com a necessidade de credibilizar o discurso moralístico que desta forma se fortalece e torna, conseqüentemente, mais eficaz (*Orator*, 120). Assim, consideramos como segunda função a função *argumentativa*, que, de resto, se associa claramente à primeira.

Por último, os *exempla* consistem, nas obras consideradas, em núcleos narrativos mais ou menos extensos segundo o desenvolvimento que cada autor dedica a uma determinada figura feminina. Neste sentido consideraremos um *exemplum* de extensão mínima quando a figura feminina é apenas referida, sendo associada a um vício ou uma virtude. Por seu turno, quando a biografia é mais detalhada, podendo ocupar parágrafos ou mesmo páginas, teremos o *exemplum* de extensão máxima (Lausberg, § 405). Assim, são narrativas que assumem a forma quer de *exempla* históricos quer de *exempla* poéticos, tipos tratados, de resto, pelos autores clássicos.¹⁷⁹ Em ambos os casos o peso do tempo, da antiguidade e do seu autor confere credibilidade ao discurso.

Enquanto narrativa, o *exemplum* desempenha, ainda, uma função *literária* (Lausberg, § 349). Ou seja, enquanto pequeno enredo é, no seio de um discurso eminentemente normativo e

¹⁷⁹ Aristóteles distingue exemplos históricos de exemplos inventados, por sua vez divisíveis em parábolas e fábulas. Os primeiros são mais úteis para a deliberação. Cf. Aristóteles, *Ars rethorica*, II, 20. Por sua vez para Quintiliano, *Institutiones oratoriae*, XII, 4, 1, os *exempla* dos poetas, isto é ficcionados, são úteis por possuírem a caução da antiguidade e da autoridade de quem os imaginou.

doutrinário, um núcleo narrativo com marcas ficcionais que procura produzir, a par do efeito da adesão moral, um “prazer” literário. A persuasão passa, também, por este efeito estético.

Concluindo, os *exempla* femininos que encontramos na literatura moralística peninsular sobre a educação da mulher e dos casais para o estado matrimonial, são formas literárias que auxiliam pedagogicamente a aprendizagem e interiorização dos modelos de conduta que as várias obras procuram elaborar, ao mesmo tempo que credibilizam o discurso. De facto, os textos de didáctica matrimonial constroem modelos sociais de comportamento que se pretende sejam interiorizados pela educação da aspiração individual à personificação desses valores de sociabilidade. No fundo, a funcionalidade do *exemplum*, que anteriormente triparti, converge neste objectivo: o de auxiliar a moralização ao mesmo tempo que torna o discurso agradável, adequando, assim, os textos moralísticos ao ideal clássico do *docere, movere, delectare* (Pinto de Castro 23).

É no contexto desta *tradição* que a utilização das vozes femininas anónimas na *Carta de Guia de Casados* ganha relevo. A *Carta*, escrita ao ritmo e vicissitudes da memória, introduz “casos” da experiência vivencial de D. Francisco. Um determinado preceito moral ou conduta lembra-o uma vizinha,¹⁸⁰ uma amiga ou uma desconhecida a quem ouviu um gracejo, um dito ou uma chocarrisse. Recorre, sobretudo, à sabedoria popular, que ouve na boca de “uma velha,” e que reconhece encerrar tanta credibilidade como o saber dos Antigos:

Não cuido, certo, que os Egípcios com toda a sua agudeza, inventaram mais excelente jeroglífico do que o descobre um nosso provérbio Português: O marido barca, a mulher arca. Ouvi-o dias há a ùa velha, e escutei-o como da boca de um sábio: *Traga o marido, e guarde a mulher.*

O anonimato das fontes de ditos e de lições morais é a constante da obra do moralista português. Eis um exemplo paradigmático desta forma alternativa de *exemplum*, que é a figura feminina de voz anónima, que encontramos na *Carta*:

Havia sucedido um desconcerto em casa de ùa senhora a certa criada sua; e foi tal que se houve de descobrir de noite, e ir-se-lhe buscar o remédio a casa de ùa comadre; dava grandes vozes o portador, e dizia (dizia ele depois que por lhe parecer mais honesto): *Senhora, acuda V. M. depressa a casa de Dona fulana, que está ùa sua dona de parto.* Que pregão este! E quem tão culpado na infâmia de aquela casa, como o descuido do senhor da casa?

Mesmo quando a figura feminina tem um nome, como é o caso da Princesa de Roca-Sorion, surge para que imediatamente D. Francisco lhe dê a palavra. O tema em causa é o das liberdades da mulher casada:

¹⁸⁰ Veja-se o seguinte caso na *Carta de Guia de Casados*: “Lembra-me que estando em Madrid tinha ùa vizinha muito braba que pelejando um dia, como sempre fazia, não cessava de dizer ao marido e com verdade: *Hermano soy muy honrada.* E ele respondia-lhe: *Pues anda a Dios que te lo pague, que a mi cuenta no está el pagarlo cuando lo seas, sino el castigarlo cuando no lo seas.*”

Dizia a este propósito a Princesa de Roca-Sorion em França, que foi discretíssima, e não bem casada: Que das três potências com que entrara em poder de seu marido, duas lhe tomara ele, e lhe deixara ãa só, que ela lhe dera bem facilmente. Porque nem a potência do entender, nem a potência do querer tinha já; e só lhe ficara a memória de que as tivera em algum tempo, para sentir mais a pena de ser ver agora sem entendimento, nem vontade.

As vozes anónimas femininas não surgem isoladas na *Carta*. Enquadram-se, antes, num contexto global de recurso à autoridade de ditos galantes, de provérbios e máximas do saber popular e, sobretudo, da “experiência” pessoal de D. Francisco. O que ficou na memória do que viu, leu e ouviu, é o material que cita na obra: “Estes serão os textos, estes os livros, que citarei a V. M. neste papel.” Nesta sua atitude D. Francisco desloca por completo o centro legitimador da moral, que decorre, agora, da experiência do tempo, experiência tornada saber moral, ou melhor sabedoria.

Podemos, então, dizer que, do ponto de vista literário, a *Carta* substituiu as narrativas exemplares por cenas fugazes da vida diária do século XVII. A *Carta* procura espelhar o presente, no que contrasta com a tradição moralística peninsular. Aí, a exemplaridade da Antiguidade ofusca a emergência das imagens quotidianas. Simultaneamente, duas formas de legitimação e credibilização do discurso são confrontados. A autoridade dos antigos é suplantada pela vivência subjectiva do tempo, vivência de onde se subtrai um saber de índole moral. Na verdade este confronto decorre de duas posturas perante a pedagogia matrimonial: enquanto a tradição constrói modelos onde especularmente a mulher se revê (ou aspira rever-se), a *Carta* focaliza o real e, a partir da sua observação, procura corrigi-lo. Ora, enquanto os *exempla* servem aquela construção, a reverberação dessa *realidade referencial*--na verdade, igualmente marcada pela *letra*--é cifrada na *Carta*, na sua expressão máxima, pela *voz anónima*.

Obras citadas

- Anjos, Frei Luís dos. *Jardim de Portugal, em que se trata da notícia de algüas Sanctas, & outras molheres illustres em virtude, as quais nascerão, ou viuerão, ou estão sepultadas neste Reino, & suas cõquistas [...] Contem boa lição pera Pregadores, motiuos pera deuotos, & pera os amigos de historias muytas antigas, & modernas*. Coimbra: Em casa de Nicolao Carualho, 1626.
- Asensio, Eugenio. *Op. cit.*
- Barros, João de. *Espelho de Casados*. Porto: Vasco Díaz Tanco de Frenegal, 1540.
- Boyer, Agustín. *Estudio descriptivo del “Libro de las virtuosas e claras mugeres” de don Álvaro de Luna: fuentes, género y ubicación en el debate feminista del siglo XV*. Doctoral Dissertation, University of California, Berkeley, 1988.
- Maria de L. C. Fernandes, *op. cit.*, 116-18.
- Fernández García, María Nieves. “Para una lectura de *La perfecta casada*”. In *Homenaje a Fray Luis de León (1527-1591). IV Centenario de su muerte*. Madrid: Editorial Revista Augustiniana, 1991. 287-313.
- Gonçalves, Rui. *Dos privilegios & praerogativas que ho genero feminino tem por direito comum & ordenações do Reyno mais que ho genero masculino*. Ed. Elisa Maria Lopes da Costa. Edición fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1992.
- Guevara, fray Antonio de. *Letra a Mosén Puche*. In Antonio de Guevara *Epístolas Familiares*. Ed. J. M. Cossío. Madrid: Real Academia Española, 1950.
- Jones, R. O. *Historia de la literatura Española. Siglo de Oro: prosa y poesía*. Vol. 2. Barcelona: Ariel, 1992.
- Lausberg, Heinrich. *Elementos de Retórica Literária*. Tr. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.
- León, fray Luis de. *Obras del maestro fray Luis de León*. BAE, 34. Madrid: Librería y Casa Editorial Hernando, 1925.
- Luján, Pedro de. *Coloquios matrimoniales del licenciado Pedro de Luján*. Ed. Asunción Rallo Graus. Anejos del Boletín de la Real Academia Española, 48. Madrid: Real Academia Española, 1990.
- Martins, Mário. “A amizade e o amor conjugal no *Leal Conselheiro*”. In *Estudos de Cultura Medieval*. Lisboa: Edições Brotéria, 1983. III: 178-93.
- Paiva de Andrada, Diogo de. *Casamento Perfeito*. Ed. Fidelino de Figueiredo. 2ª ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1982.
- Pinto de castro, Aníbal. *Retórica e Teorização Literária em Portugal. Do Humanismo ao Neoclassicismo*. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1973.
- Serra, Pedro, ed. D. Francisco Manuel de Melo. *Carta de Guia de Casados*. Braga-Coimbra: Angelus Novus, 1997.
- Tavares de Pinho, Sebastião. “O primeiro livro feminista português (séc. XVI)”. In *A mulher na sociedade portuguesa. Visão histórica e perspectivas actuais. Actas do Colóquio*. 2 vols. Coimbra: Faculdade de Letras, 1986. I: 189-222.
- Vives, Juan Lluís. *Obras Completas*. Ed. Lorenzo Riber. Reimpresión de Madrid: Aguilar, 1947. Valencia: Generelitat Valenciana-Consell Valencià de Cultura, 1992.